

A IMPRENSA E A EDUCAÇÃO: CONVERGINDO PARA A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO PARAIBANA.

Autora: Janaina Delmiro Vidal de Negreiros, Co-autora: Eryelle Cristina Nascimento Mota,
Orientador: Jean Carlo de Carvalho Costa

Universidade Federal da Paraíba. janainadvn73@gmail.com

Resumo

A História da Educação tem apresentado, com o passar dos anos, inúmeras pesquisas fundamentadas em intelectuais que se destacaram durante as décadas de 20 e 30 e na interposição destes no campo educacional, através da utilização da imprensa pedagógica como um maquinário para esculpir e delinear as ações político-pedagógicas dos professores, os quais estavam envoltos por uma *nova* percepção da Educação que surgira. Com base na investigação nas discussões sobre a Escola Nova, nos sujeitos nela inseridos, nos debates educacionais e na compreensão dessa perspectiva *inovadora* das práticas educativas deste período, surge a proposta de pesquisa destas questões, contudo, abordadas especificamente no contexto paraibano. Para a construção do projeto foram destacados e utilizados como fonte de pesquisa, os seguintes impressos pedagógicos: O Jornal O Educador, a Revista do Ensino, os Jornais A União e A imprensa, os quais foram analisados através de suas versões obtidas em visitas ao Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP), localizado no Centro de João Pessoa, foram também realizadas pesquisas no Arquivo Eclesiástico Paraibano, localizado no Centro Histórico São Francisco. O projeto propõe o mapeamento de discussões que envolveram o ideário escolanovista e as críticas à escola denominada “Tradicional”, possibilitando a identificação dos fundamentos desse ideário que denuncia a educação tradicional, e a compreensão da imprensa pedagógica e alguns dos sujeitos com ela envolvidos, como elementos de destaque para articulação deste *novo* ideário na Paraíba. Visto que, o entendimento da perspectiva pedagógico escolanovista produzida no Brasil, influenciou sobremaneira a educação paraibana.

Palavras - chave: Intelectuais, Imprensa Pedagógica, Escola Nova.

Introdução

Apresentaremos nesse texto as algumas faces de uma relação estabelecida entre a Imprensa e a Educação, ainda sob os resquícios do pensamento de uma sociedade oitocentista¹. Diante das necessidades que se apresentavam no caminho percorrido pelo país para alcançar a tão vislumbrada modernização, fez-se necessário elaborar estratégias para introduzir no cotidiano da sociedade brasileira os ideais almejados para elevação do patamar econômico e social no qual o país se encontrava.

A construção de tal modernização teve início com a influência de alguns intelectuais, os quais por meio de seus conhecimentos e de seu papel na sociedade tomaram para si o posto

¹ Tipo de sociedade existente no século XIX, também denominada de sociedade de classes – aceita como únicas diferenças as resultantes do poder econômico, das capacidades individuais e da profissão de cada um.

de possíveis mediadores, os quais idealizava-se que proporcionariam meios mais eficazes e convincentes de promover e difundir o modelo de país a ser construído.

Para tanto, em busca de uma disseminação mais ampla e eficiente de concepções que surgiam para a inovação da sociedade brasileira, tendo em vista, o grande número de analfabetos na sociedade, fez-se a escolha de utilizar a educação como uma tentativa de influência do maior número de pessoas possíveis. Tal abrangência teve como decorrência a criação de impressos destinados aos profissionais do campo da educação, alunos e suas famílias. O estado da Parahyba impulsionado a atingir mudança que eram semeadas por todo o país, adere a criação de materiais pedagógicos impressos, dentre os quais destacamos mais adiante a Revista do Ensino e o Jornal O Educador.

A imprensa intelectual não obstante de participar de tal mudança, abre também espaço em suas tiragens para os intelectuais e educadores envolvidos em um ideal tão célebre - colaborar com a construção de um país mais moderno e de oportunidades para todos. Para a observação dessa perspectivas, destacamos os escritos dos Jornais A União e A Imprensa, impressos de grande credibilidade na sociedade paraibana.

Dentre tantos intelectuais e educadores envolvidos direta ou indiretamente na educação na Parahyba, salta aos olhos a constante participação do professor José Batista de Mello no cenário educacional e social do estado. Sendo assim, enveredaremos de forma superficial, mas não menos importantes nas contribuições e movimentos realizados por este paraibano na incessante busca de destacar a educação paraibana no cenário nacional.

José Batista de Mello, junto a outros nomes de grande influência no estado, dão início a reformas na instrução pública paraibana tendo como parâmetros norteadores os ideários da Escola Nova², disseminados no Brasil, porém surgidos a partir do cenário europeu, no qual obteve bastante destaque, visto que utilizava como aporte teórico nomes de estudiosos relevantes internacionalmente tais como, Dewey e Hall, Montessori, Decroly, Ferrière. Já em solo brasileiro as ideias escolanovistas foram fortalecidos por nomes como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, após a publicação de um documento enunciado de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova³ o qual destacava ideias tidas como “inovações” a serem realizadas na educação brasileira em vista de uma transformação da identidade do país.

² A Escola Nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX.

³ Documento escrito por 26 educadores, em 1932, com o título A reconstrução educacional no Brasil: ao povo e ao governo.

Damos início ao texto destacando os intelectuais e sua atuação nas transformações para acompanhar a modernização do mundo, e assim na busca de compreender qual a real abrangência alcançada pelos os intelectuais na influência sobre a transformação da sociedade brasileira.

Metodologia

A pesquisa foi elaborada com natureza documental e bibliográfica, buscando a análise adequada das fontes, para tal, observando métodos e técnicas necessários para apreciação dos resultados.

Na construção do projeto foram destacados e utilizados como fonte de pesquisa, dois impressos pedagógicos: O Jornal O Educador (publicações na década de 20) e a Revista do Ensino (publicações na década de 30), os quais foram analisados através de suas versões digitalizadas obtidas em visitas ao Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP), localizado no Centro de João Pessoa e disponibilizadas na internet, foram também realizadas pesquisas no Arquivo Eclesiástico Paraibano, localizado no Centro Histórico São Francisco. Os procedimentos teórico-metodológicos seguidos para elaboração da pesquisa seguem o seguinte roteiro:

- A) Do ponto de vista teórico, primeiro, foram introduzidas leituras relativas às relações existentes entre a História Intelectual e a História da Educação, com atenção especial aos elementos trazidos pela história conceitual, em particular, literatura direta e indiretamente envolvendo o pensamento de Reinhart Koselleck e Quentin Skinner
- B) Ainda em relação à dimensão comum, foi efetuado um levantamento dos escritos mais recentes, sem esquecer, obviamente o Manifesto (1932), produzidos sobre o tema, a Escola Nova, em nível nacional e, em particular, no âmbito local, isso não apenas em relação a artigos científicos, mas, especialmente, trabalhos mais substanciosos desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação utilizando, para tanto, as plataformas disponíveis para isso.
- C) Do ponto de vista metodológico, e aqui iniciamos a distinção em relação às atividades a serem desenvolvidas. O trabalho implicou em acessar Jornais, Relatórios, Livros, nos concentrando em compreender a natureza da Imprensa Pedagógica paraibana, em especial, os escritos produzidos na Revista do Ensino e no Jornal O Educador;
- D) Privilegiamos as idéias/conceitos, temas e debates envolvendo o ideário escolanovista e as discordâncias entre os grupos de indivíduos simpáticos ao *novo* pensamento ou críticos dele, especialmente, àqueles identificados com o pensamento católico;

E) Após a catalogação de toda fonte manuscrita, prosseguimos identificando em cada obra os principais elementos, categorias e conceitos interpretativos utilizados por esses sujeitos, foram realizados, através de orientação, debates em torno da organização do material recolhido.

Resultados e Discussões

Discutir sobre intelectuais não é nenhuma novidade no campo da História da Educação, mesmo que o modo de analisá-los possa diferir ao longo dos anos, ainda que de forma bastante fragmentada e dispersa é possível identificar elementos importantes para a investigação nesse campo. Bizerra (2015) expressa que embora existam narrativas interessadas na ação dos intelectuais, não existiu uma sistematização de conceitos e teorias que se problematiza profundamente o papel desses personagens no âmbito educacional brasileiro.

Porém, como cita (NEVES, 2006, p.343) “A história, trate ela de que período tratar, é uma história do nosso tempo, das opções teóricas que hoje fazemos para constituir uma fatia de um trecho temporal passado”. O questionamento sobre o que seria um intelectual é uma das questões mais recentemente debatidas no Brasil, pois, nas últimas décadas a concepção mais comum seria a de indivíduo que utiliza seu intelecto para designar atividades.

A figura do intelectual foi por diversas vezes vinculado aos interesses das classes subalternas, como um representante das vontades do povo, indivíduos que lutam pela verdade e possuam direito a intervenção política.

Segundo Bizerra (2015), nos anos 1980, o modelo de intelectual foi representado por um sujeito que fala por si e em causas pontuais. A educação se tornou inerente à construção da sociedade e presente na vida dos indivíduos, tornou-se presente nos debates desses sujeitos. O entusiasmo pedagógico e o otimismo educacional tomaram conta dos argumentos desses indivíduos, como uma forma de entrar no rol dos países civilizados equiparando-se aos padrões europeus e americanos.

A partir dos anos 2000, intelectuais do campo educacional e suas discussões sobre o tema vieram à tona, retirando das sombras, personagens e cenários antes eclipsados pelo volume significativo de pesquisas sobre alguns líderes do Movimento pela Escola Nova no país, entre eles Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

Contudo, apesar da grande influência desses idealizadores no campo educacional, focaremos mesmo que de forma breve sobre um Intelectual bastante influente na Paraíba que foi o José Baptista de Melo. Para analisarmos a influência desse intelectual analisaremos

também o meio de circulação de suas idéias que foi a imprensa e como esta influenciou de maneira significativa no movimento da Escola Nova e na Educação.

Ao pensarmos em fontes impressas, as que mais se destacam são os jornais e as revistas. A importância que esses impressos possuem e a preocupação em documentar os fatos embasados na verdade não é nova. Segundo Luca (2005) na década de 1970 ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil

No Brasil, a imprensa surgiu com a chegada da família real portuguesa, em 1808, a família real trouxe consigo o primeiro maquinário para impressão, o qual foi muito eficiente, como cita Pasquini (2014), para a propagação tanto de idéias conservadoras quanto das idéias inovadoras no campo intelectual.

Durante o período intitulado Estado Novo que se estendeu durante a década de 1930-1940, foi o momento em que os jornais passaram por um período de censura, toda a imprensa sofreu a pressão da ação do presidente Vargas⁴. O objetivo da imprensa seria o de alcançar as grandes massas, sendo assim, alguns periódicos fizeram acordos para continuarem a circular, desta maneira complexas relações de poder se estabeleceram. Segundo Barbosa (2010, p. 25):

Caberia ao governo, através de múltiplos aparelhos burocráticos criados no período e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, massa amorfa e indiferenciada. Paralelamente, apresenta-se a necessidade de difundir conhecimento e noções elementares e, assim, torna-se fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa.

Assim os intelectuais teriam a função de vincular as idéias sobrevividas da classe dominante e massificar suas informações através da educação, a concepção de direção intelectual é apresentada a sociedade como imposição de projetos elaborados pelos grupos dominantes. Fernando de Azevedo, um dos autores do Manifesto dos Pioneiros superestimava os jornais de seu tempo, contudo não se enganou em sua constatação, os historiadores afirmam a importância desse veículo na circulação de idéias consumidas pelo povo. Conforme afirma CAMPOS, (2012, p.48):

Se um dos objetivos do Manifesto era o de arregimentar a opinião dita esclarecida em torno do reconhecimento da função social da escola e do papel político central a ser desempenhado pelos auto intitulados renovadores no governo de Getúlio Vargas, nada melhor do que a ocupação do espaço privilegiado representado pelos jornais – os tais formidáveis veículos (in)formativos, aos quais Azevedo se refere.

⁴Getúlio Dornelles Vargas - presidente que governou o Brasil durante dois mandatos, entre os anos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954.

A imprensa, contudo não deveria se restringir apenas a escola, mas circular com conhecimentos relevantes para aquele tempo, com os valores tidos como necessários para a democracia e o liberalismo, contudo alguns intelectuais ganharam maior destaque e visibilidade, conhecidos como renovadores educacionais e protagonistas da escola nova.

No Brasil as publicações nos jornais se tornaram uma fonte rentável para os intelectuais dispostos a vender sua influência e credibilidade.

No caso brasileiro, pelo menos desde o século XIX, publicar em jornais transformou-se num imperativo social e simbólico e, igualmente, numa importante fonte de renda para os letrados de todos os quilates, que iam desde figuras consagradas como as de Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Netto e Monteiro Lobato- todos eles literatos célebres por colaborarem regularmente com os jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Alhures, e por receberem um ordenado mensal por isso- passando pelos mais diversos tipos de intelectuais de menor porte: assalariados, *anotarianos* ou polígrafos, conforme nomeou Miceli (1977) . (CAMPOS, 2012, p. 53)

Essa relação entre o jornal e o intelectual se altera conforme as relações da imprensa e da sociedade, bem como as relações de força em vigor, o jornal permite o acesso a informação, ele pode ser capaz de manter as relações de poder, ou alterá-las.

Já para os intelectuais, conforme Vieira (2007), o jornal, em particular, representaram um ofício, um meio de expressão e uma forma de promoção social, permitindo ao intelectual em diversos contextos, marcar presença na cena pública para além dos espaços restritos dos círculos de letrados. A imprensa expandiu-se na década de 1920 assim como também se expandiu o mercado dos intelectuais como cita Vieira (2007, p. 22)

Os intelectuais assumiram uma identidade definida como grupo social não apenas pelas trajetórias de formação e/ou de produções literárias, científicas ou poéticas, mas, também, pelo envolvimento nas questões públicas. Os intelectuais envolveram-se com as paixões das cidades e, assim, defenderam a centralidade da questão educativa no projeto da modernidade brasileira.

Com a intensa participação dos intelectuais e sua militância nas questões educacionais, diversos profissionais liberais e professores abraçaram a causa educacional, bem como os jornais. A década de 1920 foi fortemente marcada pelo entusiasmo pela educação e o pedagógico.

Motivado por tal entusiasmo pela educação, tem início em todo o país uma maior circulação de impressos de cunho educativo, destinados a estabelecer uma forma específica e direta de socialização e treinamento das ideias do Escolanovismo entre os professores, assim como tornar-se uma extensão do braço da nação sobre a sociedade, com intuito de repassar os ideais formulados para sua modernização.

Na Paraíba destacamos entre os impressos, o Jornal O Educador e a Revista do Ensino e, os quais obtiveram seu papel de destaque na transformação do ensino no estado.

As tiragens do jornal O Educador, hoje historicamente conservadas, contém os impressos publicados durante os anos de 1921 e 1922, através do órgão do professorado primário da Parahyba, em oficinas do jornal A imprensa. Com tiragens semanais, o jornal teve sua primeira edição lançada no dia 01 de novembro de 1921, durante a direção da Instrução Pública do Dr. Alcides Bezerra, ainda no governo de Solon de Lucena.

O jornal O Educador era composto por quatro folhas, assim distribuídas: duas se detinham as questões concernentes aos educadores e as duas últimas folhas continham propagandas. O jornal surgia inicialmente com o intuito de lutar pelo direito dos professores e disseminar os ensinamentos pedagógicos.

A redação do jornal era composta pelos professores, Eduardo de Medeiros (diretor); Manuel Casado (secretário); Sizenando Costa (gerente); Manuel Viana Junior (tesoureiro), contando com a contribuição literária de José Baptista de Mello, João Baptista Leite, João Vinagre e João Falcão.

Por ocasião de seu lançamento, os demais jornais do estado fizeram lançaram de notas sobre a ocasião, dentre eles destacamos aqui o textos do jornal A Imprensa e do jornal A União, declarando suas boas vindas ao novo folhetim.

O jornal O Educador, destacava todas as atividades, relatórios, notícias e avisos destinado aos interesses dos professores, contudo, em sua formulação surgiam influências políticas e sociais, alterando os objetivos iniciais do jornal, destacando-se entre eles, a alfabetização do povo e a elevação do nobre papel do mestre na sociedade, paralelamente destacando e evocando o espírito patriótico da nação.

O segundo impresso de destaque na Paraíba relacionado ao campo pedagógico foi a Revista do Ensino, criada através do Decreto de número 287, em 8 de junho de 1932, e financiada com recursos do governo, destinava-se tanto a atuar na formação do professor estabelecendo padrões e vínculos, proporcionando treinamentos que seriam utilizados como instrumentos de vinculação das novas ideias, desta maneira, divulgando as atividades realizadas, informando os possíveis progressos obtidos (MELLO, 1956) e (ASSUNÇÃO, 2016).

Mello (1956, p.104) destaca que a, “Revista do Ensino veio preencher sensível lacuna existente na Instrução Pública Da Paraíba, levando a conhecimento dos demais Estados o que temos feito, e transmitindo ao magistério conterrâneo planos de aula, instruções etc.”

Em sua edição inicial, a Revista do Ensino (1932) faz a primeira menção à escola nova, relatando a preocupação existente com possíveis obstáculos e oposições que poderiam se erguer, contra as diretrizes e condutas descritas para a viabilização deste ensino moderno descrito, o qual retiraria o país de uma trama de cultura incompleta e superficial.

A Revista evidencia algumas das maiores características da escola nova, dentre elas a centralidade da criança, na qual são considerados os gostos e aptidões de cada criança e o uso de suas próprias experiências na produção do conhecimento; a intervenção da psicologia para balizar o desenvolvimento infantil de forma individual; a elaboração de trabalhos manuais e a educação física como instrumentos de educação não somente física, mas intelectual.

Entretanto, faz-se necessário mencionar que tanto nos impressos pedagógicos, quanto nos impressos não pedagógicos, podemos observar a influência de José Batista na sociedade paraibana. Para entender a participação desse ilustre educador e sua influência na educação paraibana, é preciso primeiro que entendamos o movimento e as idéias pedagógicas que circulavam o Brasil bem antes dos meados dos anos 30, momento em que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi lançado e as idéias escolanovistas assumem mais força e veemência.

Vidal (2000) afirma que já no final do século XIX, muitas das mudanças afirmadas pelo escolanovismo nos anos 20 povoaram o imaginário da escola e eram produzidas, como prescrição nos textos dos inspetores e nos preceitos legais como, por exemplo, a centralidade da criança nas relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas, na disciplinarização dos corpos dos alunos e dos seus gestos, culminando com a exaltação do ato de observar e intuir. No Brasil, o escolanovismo recebeu muita influência de nomes já consagrados no exterior como John Dewey⁵, idealizador do movimento e criador do método ativo no qual os alunos deveriam fazer observações e experimentações das lições.

Na Paraíba, José Baptista de Mello foi responsável por diversos feitos na esfera educativa,. Sendo assim, nos deteremos a citar as ações não qual o seu nome é destacado, os que por nós foram analisados e pesquisados.

Dentre suas muitas atividades, o professor Mello foi diretor do Grupo Escolar Pr. Thomás Mindello, responsável pela fundação da Revista do Ensino na qual possuía posto de

⁵ Filósofo e professor norte-americano. Um dos principais representantes da corrente Escreveu extensivamente sobre pedagogia, tornando-se uma referência no campo da educação moderna. No Brasil, Dewey teve considerável influência filosófica, pedagógica e política sobre Anísio Teixeira, entre outros intelectuais brasileiros críticos e progressistas.

Diretor Interino; ocupou o cargo de Diretor do Ensino primário do Estado entre os anos 1931 e 1935; instituiu o curso de formação de professores e as famosas semanas pedagógicas, bem como a fundação do jornal O Educador e a criação de uma coluna no jornal a União denominada A Escola Nova.

“O nosso companheiro tem atribuições para resolver todos os assumptos que disserem respeito aos interesses do nosso jornal, nas zonas que se acham compreendidas em seu itinerário. (Jornal O Educador, 21-11-21)

O jornal destaca acima as viagens feitas por José Batista para a resolver assuntos relativos ao jornal, evidenciando a importância e influência do professor nas atividades do impresso. O professor José Baptista de Mello se interessava pela marcha do ensino e era a favor de mudanças no campo educativo como retrata na coluna que escreveu para o jornal A União, intitulado a Escola Nova.

A Escola Nova começa a ganhar ainda mais espaço nas discussões sobre a educação paraibana, sendo um novo modelo escolar que se contrapunha ao modelo dito tradicional, chegava para ressignificar os métodos de ensino. Como anteriormente citamos, uma das características desse novo ideário era a centralidade da criança, contudo, se destacavam também aspectos como, a experimentação e a experiência desenvolvidas no processo. Torna-se válido salientar que, mesmo antes da publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação em Março de 1932, já existia uma forte discussão sobre a temática da Escola Nova nos jornais e revistas que circulavam na época.

José Baptista também se preocupava com a formação do professorado, e acreditava que através dos jornais conseguiria alcançar um maior número de profissionais e fornecer um tipo de orientação à esses professores, sobre como trabalhar utilizando novos métodos em sala de aula, os chamados centros de interesses.

O professor agora não seria apenas o detentor de todo conhecimento, o qual passaria as informações de modo autoritário e livresco, mas estaria preocupado com os interesses e curiosidades de seu aluno. Outro aspecto interessante utilizado nas lições eram as excursões escolares e a criação de museus em salas de aula, ligados a noção dos centros de interesses, os quais contribuíram igualmente para o enriquecimento das atividades propostas pelo professor.

5 Conclusões

O impresso, seja pedagógico ou não pedagógico, está presente em muitos momentos da história, e sua verificação torna-se muitas vezes essencial para esclarecer momentos

históricos, com vistas ao seu contexto social e político. A análise de tais fontes históricas não visa entender o passado, tão pouco modificar o presente, mas sim, compreender como os fatos históricos influenciam na realidade vivenciada por nós.

O jornal ocupa na história, o papel de impresso intelectual mais acessível a toda população. Cientes de desse fato, os intelectuais fizeram uso desse canal, a fim de reafirmar a existência de uma possível influência sobre a sociedade. Nessa perspectiva, a evidência da existência de relações de poder se confirma, tornando-se o eixo do encadeamento construído entre a imprensa e os intelectuais, e as possíveis motivações de seus escritos, considerando para isso, a qual vertente o jornal está direcionado a apoiar.

Ao analisarmos as páginas do jornal O educador, impresso na década de 20, podemos perceber, que alguns educadores já se preocupavam os rumos da educação, mesmo antes da escrita e publicação do Manifesto dos Pioneiros em 1932, pelos renomados educadores Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho.

O destaque dado em nosso texto ao professor José Batista de Mello, se deu ao observarmos que em muitas ações pró-educativas no estado da Paraíba, havia o envolvimento do seu nome. José Batista transitava com facilidade entre a sociedade, sendo o seu nome destacado entre outros, para assumir posições de destaque político, social e educativo, e desta maneira, suas atividades estavam sempre envoltas pelas ações dentro da educação.

Contudo, com o destaque dado ao Escolanovismo, José Batista de Mello se reinventou e assumiu os ideais do movimento, levantando a bandeira de uma reforma mais eficiente no ensino. Tais ideias obtiveram mais destaque partir das publicações da Revista do Ensino, da qual também foi o idealizador, promovendo treinamentos para os professores, modelos de aulas e métodos de ensino, baseados nos ideais da Escola Nova, fatos esses que por muitos foi elogiado, porém, por outros criticados, mostrando nesse embate de opiniões, a força que a escola dita tradicional possuía no sistema de ensino.

Todavia, mesmo sob pressão de uma parte da sociedade, os discursos e textos apresentados na Revista do Ensino destacavam a necessidade de perseverança dos professores nas mudanças que se apresentavam na educação, e reconheciam que esse ensino moderno era o caminho para destacar a Paraíba no cenário nacional.

Referências:

ASSUNÇÃO, Albanisa Maria de. A Revista do Ensino. **Primaveras de destinos na Revista do Ensino do Estado da Paraíba** – As prescrições na História da Educação e as representações

do ensino de História. João Pessoa, 2016, p. 38-83.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil-1800-1900.** Mauad X, 2010.

BISERRA, Ingrid Karla Cruz. **Educação na primeira república parahybana: legislação, imprensa e sujeitos no governo de Camillo de Hollanda (1916-1920).** 2015.1831. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. PB, 2015.

CAMPOS, Raquel Discini de. No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 1 [28], p. 45-70, 2012.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. **Fontes Históricas. São Paulo: Contexto**, p. 111-153, 2005.

MELLO. José Batista de. **Evolução do Ensino na Paraíba.** Imprensa Oficial. João Pessoa. 1956.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. História intelectual e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 340-345, 2006.

PASQUINI, Adriana Salvaterra; TOLEDO, César Alencar. Historiografia da educação: a imprensa enquanto fonte de investigação. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 2, n. 3, p. 257-267, 2014.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.), v. 500, p. 497-517, 2000

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos 1920. **Cinco estudos em História e Historiografia da Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Fontes:

JORNAL O EDUCADOR. Órgão do professorado primário, Ano I, Paraíba, 1921.

JORNAL O EDUCADOR. Órgão do professorado primário, Ano I, Paraíba, 1922.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano I, n. 1, abril. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1932.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano I, n. 2, junho. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1932.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano I, n. 3, setembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1932.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano II, n. 4 e 5, março. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1933.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano II, n. 6 e 7, setembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1933.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano III, n. 8 e 9, março. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano III, n. 10, julho. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano III, n. 11, dezembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano IV, n. 12, maio. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano IV, n. 13, setembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano IV, n. 14, dezembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1936.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano V, n. 15, dezembro. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1937.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano VI, n. 16, agosto. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1938.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano X, n. 17, abril. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1942.

REVISTA DO ENSINO. Orgam da Directoria do Ensino Primário, ano X, n. 18, maio, junho e julho. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1942.